

O corpo na filosofia de Nietzsche

The body in Nietzsche's philosophy

Tiago Barros*

Data de recebimento: 07/10/2010

Data de aprovação: 20/11/2010

BARRENECHEA, Miguel. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

Nietzsche e o corpo, de Miguel Angel de Barrenechea, trata de um dos principais temas da filosofia nietzschiana, a questão que se tornou uma das mais prementes da contemporaneidade: o estatuto, lugar e valor do corpo humano. Com sua recorrente ironia, Nietzsche chegou a indagar se até então a filosofia não teria passado de “uma má compreensão do corpo” (FW/GC, Prólogo, §2), posto que a atenção dada pela tradição à investigação de suas funções e potencialidades teria sido escassa e insipiente. Em contraposição a essa postura – que relegou os sentidos, instintos, afetos e pulsões a segundo plano – ele afirmava, por exemplo, que as “pequenas coisas” como “alimentação, lugar, clima, distrações” são “inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora tomou-se como importante” (EH/EH, “Por que sou tão inteligente”, §10). Porém, mais do que valorizar e enaltecer o corpo humano, sua originalidade consiste em tê-lo reinterpretado e ressignificado, fazendo com que assumisse sentidos até então inexplorados.

O livro sugere que Nietzsche concebe o corpo enquanto o fio condutor de seus pensamentos, não apenas sobre “questões diretamente vinculadas ao homem – ética, estética, política”, mas também sobre “todos os problemas filosóficos”. (BARRENECHEA, p. 09) Nessa direção, no primeiro capítulo, Barrenechea situa a crítica nietzschiana em relação a algumas das mais influentes concepções de corpo, particularmente a da filosofia socrático-platônica e a da doutrina judaico-cristã. O autor enfatiza que o “martelo” de Nietzsche ataca os falsos ídolos forjados pelas dicotomias metafísicas que opunham alma e corpo, além-vida e mundo, Deus e natureza. Também atenta para o fato de que a crítica nietzschiana não incide apenas sobre o dualismo, mas igualmente sobre a própria noção de substância ou coisa, por esta se basear em uma pretensa estabilidade e identidade entre a consciência, a alma e o eu. Desse modo,

* Doutorando em filosofia do PPGFIL-UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: tiagomsbarros@yahoo.com.br

esclarece para o leitor que é a radical recusa à noção de substância que possibilita a Nietzsche criticar posturas idealistas e transcendentistas, sem que com isso abrace alguma espécie de materialismo ou biologismo ingênuo, que apenas inverteria os termos da relação metafísica dicotômica que sua inaugural filosofia trágica de caráter imanente pretende suprimir.

O segundo capítulo de *Nietzsche e o corpo* aborda a especificidade da concepção nietzschiana de corpo como diretamente relacionada à sua peculiar noção de vida como vontade de potência, de acordo com a qual o corpo se caracteriza por uma multiplicidade de forças em contínuo fluxo e confronto, que periodicamente se harmonizam em distintas configurações provisórias e mutáveis. Trata-se de uma perspectiva inovadora, que abala tanto a postulada unidade do mundo exterior quanto a pretensa consistência do mundo interior, por defender a vigência de um devir em que não existem objetos, sujeitos, coisas ou entes, mas somente o fluxo da vontade de potência. De acordo com essa perspectiva, o corpo e a atividade consciente são tidos como uma multiplicidade de forças, nas quais se incluem os processos psíquicos. Ou seja, pensar, sentir, querer e decidir são igualmente atividades orgânicas dependentes do corpo, já que o homem não é espírito nem matéria, mas totalidade corporal e conjunto de forças que responde à dinâmica da vida entendida como vontade de potência.

No terceiro e último capítulo, Barrenechea traz à tona algumas das principais implicações da tomada do corpo como fio condutor interpretativo. Ao contrário da tradição, Nietzsche não encara a consciência como inata, soberana ou superior, mas como a mais recente e frágil das criações humanas, que exerce suas funções orgânicas sem qualquer tipo de supremacia. A consciência não seria autônoma como muitos supõem, mas tão dependente do todo corporal quanto as demais atividades instintivas e pulsionais. Mais do que isso, Nietzsche chega a considerá-la como a função mais recente, menos desenvolvida e aperfeiçoada do homem e, conseqüentemente, a mais limitada e passível de equívocos.

Barrenechea recorda que Nietzsche ilustra esta sua visão caracterizando o corpo como texto e a consciência como simples comentário do devir fisiológico. Assim, as atividades conscientes podem ser entendidas como tradução ou interpretação desse “livro” – o conjunto de impulsos –, situado muito além das funções conscientes. (BARRENECHEA, p. 109). Concepção que enseja uma compreensão perspectivista da realidade, por considerar que as forças corporais interpretam incessantemente, apresentando a cada instante distintas avaliações. O autor também destaca que, para o

filósofo, tal dinâmica de funcionamento não é uma particularidade do corpo, mas que se encontra presente em todos os elementos que constituem o próprio mundo como um todo. Uma das principais críticas de Nietzsche à tradição metafísica é a de ter pretendido separar o homem do mundo, quando eles seriam aspectos indissociáveis do vir-a-ser, não havendo hiato, mas continuidade entre todos os impulsos que igualmente exprimem a incessante dinâmica da vontade de potência.

Tais interpretações do corpo, da consciência, da vida e do mundo levaram Nietzsche a questionar os valores humanos e a se tornar um marco no campo da crítica e da criação axiológica. Através de um profícuo diálogo com toda produção do filósofo e com alguns de seus mais significativos comentadores, o livro *Nietzsche e o corpo* de Miguel Angel de Barrenechea esclarece, de modo rigoroso e acessível, alguns dos principais temas do pensamento nietzschiano, particularmente suas complexas e inaugurais concepções a respeito do corpo humano.